

7046

7902

JOÃO MARIA PEREIRA REBELLO

N.º 1

BREVE ESTUDO

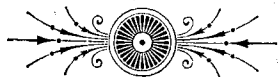
SOBRE OS

SONHOS

Dissertação Inaugural

APRESENTADA A

Escola Medico-Cirurgica do Porto



107/1: ENC

PORTO-1902

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

DR. ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

LENTE-SECRETARIO

CLEMENTE JOAQUIM DOS SANTOS PINTO

Corpo Cathedratico

Lentes cathedratícos

1. ^a Cadeira—Anatomia descrip-tiva geral	Carlos Alberto de Lima.
2. ^a Cadeira—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Clemente Joaquim dos Santos Pinto
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria	
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Candido Augusto Correia de Pinho.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica	Roberto Belarmino do Rosario Frias
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica	Augusto Henrique d'Almeida Brandão Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
11. ^a Cadeira—Medicina legal	Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica.	João Lopes da Silva Martins Junior.
13. ^a Cadeira—Hygiene	Nuno Freire Dias Salgueiro.
Pharmacia	

Lentes jubilados

Secção medica	{ José d'Andrade Gramaxo.
	{ Dr. José Carlos Lopes.
Secção cirurgica	{ Pedro Augusto Dias.
	{ Dr. Agostinho Antonio do Souto.

Lentes substitutos

Secção medica	{ José Dias d'Almeida Junior.
	{ Vaga.
Secção cirurgica	{ Luiz de Freitas Viegas.
	{ Vaga.

Lente demonstrador

Secção cirurgica	Vaga.
----------------------------	-------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola*, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

À SAUDOSA MEMÓRIA

DE

Meu Pai

A Minha Querida Avó

A MINHA QUERIDA MÃE

A Minhas Irmãs

Adelaide

Sebastiana

Guilhermina



N'este meu obscuro trabalho,
esta a unica pagina brilhante :
Ilumina-a o amor, o grande
amor que vos consagra o vosso

Doão

À MEMORIA

DE

Balthasar Guedes

PIEDOSO INSTITUIDOR

DO

COLLEGIO DOS ORPHÃOS

O interno agradecido.

À MEMORIA

DE

Francisco de Assis Souza Vaz

Do conselho de Sua Magestade, cômmandador das ordens de Nosso Senhor Jesus Christo e de S. Mauricio e S. Lazaro, doutor em medicina, lente jubilado e director da Escola Medico-Cirurgica do Porto, nascido a 7 de agosto de 1797 e fallecido a 6 de abril de 1870, o qual, havendo projectado deixar um legado á dita escola para o seu rendimento, ser applicado ao aperfeiçoamento e derramamento dos conhecimentos medicos, bem como a subsidiar alguns alumnos necessitados, e não tendo podido realizar tão util pensamento, foi este interpretado por sua irmã e herdeira D. Rita de Assis e Sousa Vaz, legando á mesma escola e para o fim indicado, sessenta inscripções da divida publica nacional do valor nominal de 1:000\$000 réis cada uma.

Em testemunho de gratidão

O. D. C.

O alumno pensionario

João Maria Pereira Rebella.

A MEU TIO

Antonio Alves Pereira Abrahão

Deixe-me confessar-lhe bem alto
o meu reconhecimento. A gra-
tidão, quando é assim grande,
não cabe no peito : é preciso
apregoa-la.

A MINHAS TIAS

D. Emilia Theodora Pereira Rebello

D. Anna Amelia Pinto Torar e familia

D. Gracinda Adelaide Pinto Coutinho

Bandeira Mergulhão

A MEUS PRIMOS

ESPECIALMENTE A

D. Maria Carlota Pereira Rebello e família
Sebastião Alves Ferreira Leite e esposa



AOS MEUS CONDISCIPULOS

Aos meus amigos

Aos meus contemporaneos

AO MEU ILLUSTRE PRESIDENTE DE THESE

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Dr. Alberto Pereira Pinto d'Aguiar

Homenagem ao trabalhador indefesso,
e caracter sem macula.

PREAMBULO

Quando, d'entre os innumeraveis assumptos que constituem a hoje tão vasta sciencia medica, eu procurava um para a minha dissertação, e, por mero acaso, se me depa-rou o dos Sonhos, acolhi-o a principio com a maior indiferença, a que succedeu depois a curiosidade e por ultimo o verdadeiro interesse. Eis a rasão d'isto: — Do sonho, até áquelle momento, sabia eu apenas que elle tinha desempenhado largo papel na antiga, e mesmo na moderna poesia: que havia na Iliada o sonho d'Agamemnon; nos Perses, d'Eschylo, o sonho d'Atassa; nos Coephoros, o sonho de Clytmenestra; e de Euripedes, o sonho d'Iphigenia em Taurida.

Que a litteratura latina nos offerencia sonhos nos seus poemas mais antigos: no Dulorestes, de Pacuvius; no poema epico

d'Ennius; o sonho de Rhêa Silvia; o sonho d'Enêas, no livro II da Eneida; etc.

Que, mesmo modernamente, se encontrava o sonho em muitas composições litterarias: Na Jerusalem Libertada, o sonho de Tancredo; no Paraizo Perdido, o sonho d'Eva; na Henriada, o sonho d'Henrique IV; n'um drama de Racine, o sonho d'Athalia; e em Polyeucte, drama de Corneille, o sonho de Paulina.

Que ainda o romantismo, se bem que mais raras vezes, se tinha servido do sonho: um conhecia no Cromwell de Victor-Hugo; outro no Caligula, drama d'Alexandre Dumas; outro ainda, em Lucrecia, de Ponsard.

Não me era extranho, egualmente, que a alguns pintores o sonho servira para assumpto de seus quadros: Conhecia, por tradição, o sonho de Miguel Angelo, que é obra d'este grande artista; de Raphael o quadro intitulado — o sonho do Cavalleiro; o Sonho, quadro de Dosso; e varias scenas historicas tratadas em pintura, taes como: o sonho de Jacob e o sonho de S. José.

Não ignorava, outrosim, o que tinha sido o sonho, antigamente, para os charlatães, que, fazendo-se interpretes do sonho,

durante muito tempo exploraram o pingue filão da credulidade publica. Que entre os gregos a intrepidação dos sonhos tomou um tal desenvolvimento que fizeram d'ella uma sciencia especial denominada onirocristia. Que Aristoteles combateu esta pueril crença nos sonhos, e que, pelo contrario, as religiões, e nomeadamente a christã, unanimemente acceitaram tal crença.

Estas e outras bagatellas historicas eram tudo o que eu conhecia ácerca d'esta materia, e por isso, quando me lembrei do sonho para thema da minha dissertação, pareceu-me de pouca importancia para o tratar scientificamente, e mais especialmente sob o ponto de vista medico, e d'ahi a minha indifferença por este assumpto.

Enganava-me, no emtanto, como verifiquei muito em breve, depois de ter lido alguma cousa do que modernamente se tem escripto sobre esta materia. O sonho deixara de ser o simples devaneio de poetas, para merecer a especial attenção d'alguns homens de sciencia, que, empenhando-se no seu estudo, conseguiram dar uma explicação muito satisfatoria da sua genese; descobrir a influencia que elle póde ter nos in-

dividuos, tanto no estado de vigilia, como no estado de somno; e finalmente enriquecer a semiologia com mais um elemento que se me affigura de mui alta importancia. Foi o conhecimento d'isto que fez succeder á minha indifferença inicial, primeiro a curiosidade e depois o verdadeiro interesse. Mas, infelizmente, este interesse breve ce-deu o passo a um outro sentimento: qual mareante em mar encapellado, que tanto mais o invade o desalento, quanto mais se capacita da inutilidade dos seus esforços, assim o desanimo me invadiu, quando me vi solitario n'este mar não menos procelloso da sciencia, sem bussola para orientar-me, sem taboa de salvação de que soccorrer-me. Em summa, comprehendi que, com os fracos elementos de que dispunha, o assumpto da minha eleição, transcendente como é, não podia ser bem tratado.

Mas era já tarde para tomar por vereda menos escabrosa, obviando assim ao apparecimento d'um trabalho, em que não vejo outra utilidade que não seja a de chamar sobre este assumpto a attenção d'algun vindouro, que, mais provido que eu de recursos de toda a natureza, e vendo a deficiencia

d'este trabalho, retome o assumpto e o trate com a elevação de que é digno. Se tal succeder muito folgarei com isso, pois nutro vivo desejo de vêr uma monographia completa d'este interessantissimo phenomeno, ácerca do qual Maudsley, no seu livro—*Pathologia do Espirito*—se exprime n'estes termos:— «*tem-se despresado o estudo dos sonhos, que promette fructos abundantissimos quando fôr comprehendido de uma maneira methodica e laboriosa. É talvez aos medicos, que os sonhos fornecerão mais ensinamentos*».

As asserções d'este insigne escriptor justificam a boa escolha que fiz, como estudante de medicina, do assumpto para a minha dissertação inaugural.

Pena é que eu não o trate com o brilho de que elle é digno.

Pena é que eu não imprima, ainda que muito ao de leve, o cunho da originalidade á minha dissertação, que não será mais que um apontado de factos respigados aqui e além, nos diversos tratadistas do assumpto da minha escolha.

Pena é, finalmente, que esta mesma compilação que faço, seja tão desconnexa, tão sem methodo, tão mal orientada, que eu

nem sequer ousaria esperar, como espero, do meu illustradissimo jury a sua generosa benevolencia, se não tivesse presentes ao espirito estas palavras de E. de Girardin:

«La vraie sagesse est celle qui avertit et pardonne, ce n'est pas celle qui récrimine».



1.^a Parte

Formação dos sonhos

No estado de vigilia, a maior parte, se não todos os nossos pensamentos, derivam das impressões sensorias que recebemos. Essas impressões servem de ponto de partida a diversas séries d'idêações, que nos parecem as mais das vezes oppostas umas às outras, mas que se ligam entre si pelas leis d'associação d'idêas. Dar-se-ha o mesmo caso no estado de somno, isto é, os pensamentos dos nossos sonhos terão também como ponto de partida impressões produzidas por agentes exteriores?

Têm, e é isso o que eu vou demonstrar por uma série d'observações, que provam com toda a clareza que os nossos sentidos não se acham fechados, durante o somno, às impressões externas, como durante muito tempo se suppoz.

Verdade é que essas impressões são me-

nos numerosas, quando dormimos; mas, se tal succede, é que o estado de somno coincide com o periodo da noute, e, durante este lapso, os agentes susceptiveis de nos impressionar são em menor numero. Se, porém, as impressões colhidas durante o somno são menos numerosas, são no entanto mais fundas e intensas. Eis, com justificação, uma série de sonhos que só por si constituem um capitulo que podemos denominar

OS SONHOS E OS SENTIDOS

TACTO. — Um individuo estuda a carta dos lagos do interior d'Africa e das origens do Nilo. Adormece, sob um calor que o faz suar abundantemente. Sonha então que uma enorme carta geographica está estendida sobre elle, e que as côres azues, que nas cartas indicam os rios, são verdadeiros cursos d'agua. Acorda: — a carta é o lençol que lhe cobre o rosto; os cursos d'agua o suor que o inunda.

Um outro exemplo, citado por Max Simon no seu «Mundo dos Sonhos»:

Max Simon sonha que aperta um dado

entre os dedos. Acorda e vê que em vez do dado é uma prega do lençol, que lhe dá a sensação d'um corpo cubico.

Ouvido. — Eis uma observação citada por Maury nos «Annaes Medico-Psychologicos», e que mostra a relação entre os sonhos d'origem tactil e os d'origem auditiva:

Maury conta que, tendo adormecido por effeito d'um grande calor, sonhou que lhe collocaram a cabeça sobre uma bigorna e que lh'a martellavam fortemente. Ouvia até muito distinctamente o ruido dos pesados martellos; mas, por um effeito singular, em vez de ser esmagada, a sua cabeça fundia-se em agua. Acordou, sentiu o rosto banhado em suor e ouviu o ruido dos martellos d'uma forja visinha.

Tissié sonha que assiste a um concerto e ouve em sonhos os suaves acordes d'uma flauta. Acorda: — inspirava fortemente pelo nariz, e uma coryza de que era portador, era a causa de toda aquella orchestra.

Burdach refere que tendo pernoitado com os seus companheiros de viagem n'uma hospedaria sonharam todos ao mesmo tempo que caminhavam por uma ladeira ingreme,

bordada de precipícios, n'uma noite tenebrosa. A causa d'este sonho foi uma tempestade nocturna que se desencadeou sobre a estalagem.

OLFACÇÃO. — Uma noite Maury adormeceu enquanto um individuo lia em alta voz junto d'elle. Este individuo interrompeu a sua leitura para apresentar a Maury uma questão sobre o assumpto que lia. Maury respondeu-lhe: «Não ha rapé n'esse livro». O individuo que lia riu-se, porque esta resposta não tinha relação alguma com a pergunta. Acordou, quiz saber porque motivo tinha fallado em tabaco, e um espirro que deu veio pô-lo na pista da verdadeira causa: — um pouco de rapé, restos de uma pitada que pouco antes tinha tomado, actuava sobre a sua membrana olfactiva e enviava ao cerebro esta sensação, de que não tinha consciencia n'aquelle momento.

VISTA. — Um individuo sonha que o theatro d'Alexandria está a arder. As chammas formavam enorme clarão. Foge d'aquelle logar e uma extensa lingua de fogo persegue-o. Tem um violento pesadello; assiste a

scenas terrificas; toma parte no serviço de soccorros, etc. Acorda sobresaltado: sobre os seus olhos incidia um feixe de luz projectada por uma lanterna de furta-fogo.

Um outro individuo, outr'ora marinheiro, mas hoje paizano, sonha que ainda pertence á marinha; que vae ao Forte de França, a Toulon, á Crimêa, a Constantinopla; que vê relampagos e ouve trovão, o qual se assemelha a tiros de peça; que assiste finalmente a um combate, onde vê o fogo a sahir pela bocca dos canhões. Acorda em sobresalto. Sobre o seu rosto incidia luz proveniente d'uma fonte luminosa qualquer.

Gosto. — Tissié sonha que está n'um restaurante, onde lhe servem uma iguaria que contem muita cebola. Apesar de estar com muita fome, comeu muito pouco d'este prato, por apresentar um gosto pronunciadissimo a alho e assucar. Acorda; tem a bocca entreaberta, e a sensação bem nitida d'um gosto alliaceo.

SENSIBILIDADE MUSCULAR. — Assim como uma impressão sensorial pôde ser a causa occasional d'um sonho, tambem a attitude

d'um membro póde, durante o somno, ter os mesmos effeitos. Se é um facto que querer executar um movimento, é já o movimento no seu inicio, invertendo a proposição, um movimento passivamente provocado despertará o pensamento d'este movimento.

Tissié sonha que se acha na rua, n'uma posição muito grotesca. Todos o olham. Elle agacha-se o mais que póde, e afasta-se d'aquelle lugar, com as pernas muito flectidas, procurando esconder-se. Mas esta marcha é assaz fatigante, e provoca-lhe dôres nas articulações do joelho e bacia. Acorda. Tem de facto as côxas flectidas sobre o tronco e as pernas fortemente flectidas sobre as côxas. Esta attitude prolongada tinha provocado o sonho e dôres nas articulações.

N'esta observação é a dôr que provoca o sonho; mas eis uma outra em que se mostra que basta a attitude para o provocar:

Um individuo adormece sobre um sofá, sonha que tem uma pequena bola entre o polegar, indicador e médio da mão esquerda. Acorda; vê que nada tem entre os dedos, mas elles acham-se reunidos nas ex-

tremidades, na attitude de quem segura qualquer cousa.

ORGÃOS GENITAES. — Os sonhos eróticos são devidos a uma excitação dos órgãos genitales, quer essa excitação provenha d'uma causa exterior, como a pressão da roupa do leito, a attitude das mãos, ou d'uma causa interna: o decubito dorsal, a repleção das vesículas seminaes, etc. Estes sonhos eroticos são d'ordem physica e physiologica. Há-os também d'ordem psychica; mas estes é mais que provavel que tenham também como ponto de partida uma impressão sensorial.

Facilmente se comprehende o motivo porque não cito observações a proposito d'estes sonhos.

Eis agora algumas consequencias que derivam muito naturalmente das observações citadas. Entre duas impressões sensoriaes percebidas ao mesmo tempo, a que é percebida com mais intensidade é a que domina a scena e provoca a idéa principal do sonho. Se Maury não tivesse ouvido as martelladas em quanto suava, teria provavelmente sonhado com um banho; mas a im-

pressão auditiva foi a dominante e creou assim o sonho do martellamento da cabeça.

Tambem se conclue que uma impressão visual pôde crear um sonho visual e auditivo: aquelle individuo que dormindo, recebia luz no rosto, viu relampagos e ouviu trovões. Da mesma maneira uma impressão auditiva pôde dar origem a um sonho auditivo e visual.

A observação de Burdach prova que muitas pessoas podem ter o mesmo sonho, se todas ellas estiverem possuidas da mesma preocupação, ou se estiverem sob a acção da mesma impressão auditiva.

Mas, pelo contrario, dous ou mais individuos, differentemente orientados, podem, sob a acção da mesma impressão, ter sonhos differentes:

Assim, aquelles dous individuos que, adormecidos, recebiam luz na face, sonharam ambos com fogo; mas cada qual modificou o seu sonho, segundo a orientação do seu espirito: um, que tinha sido marinheiro, viu relampagos, a que associou a idéa de trovão, depois assiste a uma guerra, onde vê fogo a sahir pela bocca dos canhões; ao

passo que o outro sonha com um incendio, e occupa-se no salvamento das victimas.

Vou agora occupar-me d'uma outra categoria d'impressões, que, semelhantemente a estas de que acabo de fallar, dão logar a sonhos.

Se fecharmos os olhos e observarmos attentamente o que se passa no campo da nossa visão, notaremos, quando habituados a este genero d'observações, o seguinte phenomeno, que a principio é algo rebelde á nossa percepção: sobre um fundo negro vêem-se pontos brilhantes, que vão e veem, sobem e descem lenta e solemnemente. Estes pontos luminosos podem ser de côres muito variadas, umas vezes suaves, diluidas, outras vezes, pelo contrario, d'uma côr intensissima.

Estes pontos luminosos alastram-se e adquirem as proporções de pequeninas manchas, que a seu turno se retrahem, voltando a ter as dimensões de pontos: mudam de fôrma e de côr, invadem-se umas ás outras.

Umas vezes esta mudança é lenta e gradual, outras vezes, ao contrario, effectua-se com uma rapidez vertiginosa.

Os physiologistas e os psychologos têm-se occupado com o estudo d'este phenomeno, a que têm dado successivamente os nomes de espectro ocular, manchas córadas e phosphenas, e, quanto á sua producção, uns a explicam pelas ligeiras modificações que se passam constantemente na circulação retiniana, outros pela pressão que a palpebra fechada exerce sobre o globo ocular, d'onde resultaria uma excitação mechanica do nervo optico. São estas phosphenas um dos materiaes de construcção dos nossos sonhos.

Exemplifiquemos: sonhamos que lêmos um jornal. Acordamos: se conservarmos as palpebras fechadas notamos que existem realmente no nosso campo visual, sobre um fundo branco, umas riscas negras, e foi isto que provocou o sonho.

Outro exemplo: sonhamos com o mar. Se ao despertarmos ficarmos com as palpebras cerradas, veremos no nosso campo visual manchas amarellas com pontos brilhantes brancos, semelhando ondas espu-mosas.

A estas sensações visuaes deram os physiologistas o nome de sensações inter-

nas, para as distinguir das produzidas por agentes exteriores.

Além das sensações visuaes internas, ha tambem as sensações auditivas internas, difficeis de isolar e de perceber durante a vigilia, mas que se destacam nitidamente no somno, e que provocam sonhos, da mesma maneira que os ruidos que vêm do exterior, de que já fallei no principio d'este trabalho.

Todos os sonhos, qualquer que seja a sua origem, podem ser modificados, mais ou menos, pelo espectro ocular. Eis um exemplo d'um sonho d'origem tactil:

Max Simon sonhava um dia que tinha na sua frente duas pilhas de moedas d'ouro, collocadas uma ao lado da outra, e d'altura desigual; além d'isso elle tinha necessidade de as tornar eguaes, o que não conseguia, por mais esforços que empregava.

D'ahi um sentimento de mal estar que o despertou. Quando acordado notou que tinha flectida uma das pernas, a outra em extensão completa, d'onde uma differença de nivel para os dous pés. Esta sensação de desigualdade fez irupção no campo visual, encontrou ahi manchas amarellas e

deu assim logar ao sonho de duas pilhas deseguaes de moedas d'ouro. É Bergson que emette esta explicação.

Assim como ha sensações visuaes e auditivas internas, ha-as tambem tacteis, mas a estas terei occasião de me referir um pouco largamente, quando tratar dos sonhos pathologicos.

Tendo dito o que são as phosphenas, a que chamei material de construcção dos nossos sonhos, é preciso que diga agora quaes os obreiros, que, lançando mão d'estes materiaes, architectam o sonho. É o que vou tentar:

As phosphenas, essas manchas de tão diversas côres e tão diversas fórmas, nunca se apresentam com um contorno bem definido. Aquelles traços negros sobre um fundo branco, de que ha pouco fallei, tanto podem representar a quem sonha um livro, como um jornal, como muitas outras cousas semelhantes.

O molde onde se vaza essa materia indecisa, e onde ella adquire uma fórmula nitida, são as nossas recordações. Com effeito, no estado de vigilia temos muitas recordações que apparecem e desaparecem, occupando

o nosso espirito alternativamente, mas são, por via de regra, recordações que se ligam estreitamente á nossa situação presente.

As recordações que evocamos durante a vigilia, por mais afastadas e desligadas que nos pareçam da acção presente, a ella se ligam todavia por uma circumstancia qualquer.

Nos animaes o papel da memoria é recordar-lhes em cada circumstancia da vida as consequencias vantajosas ou nocivas, que circumstancias analogas lhes acarretaram.

No homem a memoria não é tão escrava da acção, comtudo a ella se prende constantemente. Mas, por detraz da barreira de recordações que nos occupam n'um dado momento, ha milhares d'outras, encerradas na memoria, para lá da scena illuminada pela consciencia, não me repugnando crer que toda a nossa vida passada, tudo quanto temos sentido, percebido, pensado, querido, desde o primeiro despertar da nossa consciencia, existe na memoria e ahi permanece indestructivelmente. Muitas d'estas recordações vivem no estado de phantasmas invisiveis nos mais obscuros e profundos antros da nossa memoria, aspirando talvez a

ascender á luz, mas não o tentando sequer, pois sabem que lhes é impossivel, e que nós, seres activos, temos mais que fazer que occupar-nos com ellas. Supponhamos agora que adormecemos. Então estas recordações, sentindo desviar o obstaculo, levantar-se o denso veu que as mantinha no sub-solo da consciencia, levantam-se, agitam-se e executam na noite do inconsciente uma verdadeira dança macabra. E todas correm para a porta que acaba de abrir-se, e todas querem passar; mas é impossivel, são muitas; algumas, porém, passam, quaes são as eleitas?

— Da mesma maneira que no estado de vigilia as memorias que vêm á luz são as que têm relação com a acção presente, com o que vemos, com o que ouvimos, etc., tambem no somno, d'entre as memorias-phantasmas que aspiram a encher-se de luz, de sonoridade, de materialidade emfim, as que conseguem o seu *desideratum*, são precisamente aquellas que mais se assemelham á poeira córada que vemos, aos ruidos internos e externos que ouvimos, etc.

Quando se opéra esta junção entre uma memoria e uma sensação, temos um sonho.

Não posso furtar-me, n'este ponto, á tentação de, ao exemplo de Bergson, transcrever do philosopho Plotin esta formosa pagina poetica, em que nos explica como os homens nascem, e que tem tantos pontos de analogia com o assumpto que agora me occupa. Faço-o, pois, por facilidade d'exposição :

A natureza, diz Plotin, esboça corpos vivos, mas esboça-os sómente. Abandonada ás suas proprias forças, a natureza não iria mais longe. Por outro lado, as almas habitam no mundo das Idéas. Incapazes por si mesmo d'actuar, não pensando mesmo em actuar, ellas pairam acima do tempo, acima do espaço. Entre todos os corpos ha-os que correspondem mais, por sua forma, ás aspirações d'esta ou d'aquella alma.

O corpo, que não sae viavel das mãos da natureza, eleva-se para a alma, que lhe dará a vida completa. E a alma, contemplando este corpo, e julgando vêr n'elle a sua imagem como n'um espelho, attrahida, fascinada por esta imagem, deixa-se cahir. Cae, e esta queda é a vida. Bergson compara a estas almas as memorias que jazem na obscuridade do inconsciente. Por outro

lado as nossas sensações nocturnas assemelham-se áquelles corpos incompletos. A sensação é quente, colorida, vibrante e quasi viva, mas indecisa. A recordação é completa, mas aerea e sem vida. A sensação bem quizera encontrar um molde, onde vaziar a indecisão dos seus contornos. Bem quizera a recordação encontrar uma materia que a enchesse, que lhe dêsse corpo, que a actualisasse emfim. Attrahem-se uma á outra, e esta memoria-phantasma, encarnando-se na sensação que lhe traz sangue e carne, torna-se n'um ser que viverá d'uma vida propria — n'um sonho.

A formação do sonho não tem, pois nada de mysterioso. Assemelha-se á formação de todas as nossas percepções. Em seus grandes traços, o mechanismo do sonho é igual ao da percepção normal. Com effeito, quando nós percebemos um objecto real, o que nós percebemos d'elle — a materia sensivel da nossa percepção — é em pequena quantidade, comparado com o que a memoria ahi associa. Quando lêmos um jornal ou um livro, apenas um limitado numero de letras chegam á nossa consciencia. De cada palavra percebemos um pequeno numero

de lettras, e mesmo de cada phrase um pequeno numero de palavras, apenas o bastante para podermos adivinhar o resto. Se assim não fosse, a leitura d'um livro absorver-nos-hia um tempo muito longo.

Ha experiencias numerosas e decisivas que demonstram isto á saciedade. Citarei apenas as de Goldscheider e Müller. Estes observadores escreviam formulas d'um uso muito corrente, como são entre nós as de «*é prohibida a passagem*» ou «*consultas gratis aos pobres*», etc., formulas estas incorrectamente escriptas, por mudança ou omissão de lettras.

Estas experiencias realisavam-se n'uma sala, onde reinava a obscuridade, e o individuo sujeito á experiencia era collocado defronte das formulas. De repente illuminava-se a inscripção a luz electrica, durante um tempo bastante curto para que o observador não podesse lêr todas as lettras. Para isso determinavam experimentalmente o tempo necessario á visão de cada signal alphabetico, e era facil assim dar ao observador apenas o tempo necessario para perceber oito ou dez lettras das trinta ou quarenta de que constava a formula. Quasi

sempre o observador lia a formula sem difficuldade. Mas o mais edificante é o seguinte:

Se perguntavam ao observador quaes eram as lettras que com certeza tinha visto, elle mencionava algumas vezes, é claro, lettras que realmente estavam escriptas, mas outras vezes asseverava ter visto caracteres que tinham sido trocados ou omitidos.

Quer dizer, o observador via destacar-se em plena luz uma lettra que não existia, porque esta lettra, em virtude do sentido geral, devia entrar na formula. Os caracteres que realmente impressionaram o olho serviram de indicação á memoria inconsciente do observador: esta, descobrindo a recordação apropriada, encontrando a formula á qual estes caracteres dão um começo de realisação, projecta esta recordação para o exterior sob uma fôrma allucinatória. É esta recordação que o observador vê, e não a verdadeira formula. Executa-se, pois, no estado de vigilia, para a percepção normal dos objectos que nos cercam, uma operação da mesma natureza que a do sonho. N'um como no outro caso ha, d'um lado,

impressões reaes exercidas nos órgãos dos sentidos, e do outro, memorias, que amalgamando-se com essas impressões, d'ellas recebem toda a sua vitalidade.

Vem agora a proposito dizer-se qual a differença essencial entre

PERCEBER E SONHAR

Acabamos de vêr que, durante o somno, o nosso espirito continua jogando com elementos analogos aos da vigilia, com sensações e com memorias, e que estes elementos são ainda combinados da mesma fórma.

Todavia entre a percepção normal e o sonho ha necessariamente alguma differença.

Onde está essa differença?

Qual a caracteristica psychologica do estado de somno?

Já se disse que dormir era a cessação do funcionamento das faculdades superiores do espirito.

Tambem se fallou d'uma paralyisia momentanea dos centros cerebraes superiores.

Nada d'isto, porém, parece ser conforme com a verdade: no sonho, se nos mostramos *indifferentes* á logica, o que não nos mostramos é *incapazes* de logica. Ha sonhos em que raciocinamos com solidez e mesmo com subtileza.

Evitaríamos até muitas vezes o absurdo de muitos sonhos, se assistissemos como simples espectadores ao desfilhar das suas imagens. Mas, quando pretendemos dar-nos uma explicação do sonho que nos povoa a mente, ao ligarmos as imagens que o formam, o raciocinio sahe-nos d'um absurdo proporcional á incoherencia d'essas imagens.

Não é, pois, a ausencia de raciocinio que deve caracterisar o sonho. O que caracteriza o sonho é antes a ausencia do esforço.

No sonho existem as mesmas faculdades que na vigilia; mas, ao passo que n'esta essas faculdades se acham n'um estado de tensão, no estado de somno as mesmas faculdades estão n'um estado de relachamento.

O sonho é a nossa vida mental completa, tendo a menos tensão, esforço e movimento corporal.

No sonho ainda percebemos, ainda nos recordamos, ainda raciocinamos; tudo isto pôde abundar no sonho, porque abundancia, no dominio do espirito, não significa esforço.

O esforço está — *na precisão do ajuste da sensação com a recordação.*

Para que o cantar d'um gallo desperte a memoria d'uma charanga que toca, como poderá succeder n'um sonho, não é necessario esforço algum; mas, para que aquelle som seja percebido como o canto do gallo, é necessario um esforço positivo. É este esforço que falta a quem sonha, e n'isto sómente que o sonho differe da vigilia.



2.^a Parte

O sonho em semiologia

De longe vem a idéa de conceder ao sonho importancia semiologica. Já Hippocrate quiz vêr no sonho um bom elemento de diagnostico; mas, se depois do celebre empyrico este elemento tem sido quasi completamente despresado pelos medicos, Hippocrate, ao contrario, peccou por excesso, attribuindo ao sonho uma nimia importancia. E tal importancia que elle julga que todos ou a maior parte dos sonhos servem de avisar o medico sobre o estado de saude dos homens.

Chegou mesmo a estabelecer um quadro semiologico dos sonhos, que de resto se não firmava em factos precisos, para assentar simplesmente em dados imaginarios.

Seu discipulo Galeno seguiu as pisadas do mestre. Deixou-nos alguns exemplos em que o sonho serviu para o diagnostico e

tratamento das doenças. Mas nem todos estes exemplos são felizes, e por vezes a generalisação d'um facto conduz a um processo pouco racional.

Assim é que n'um luctador, tendo sonhado que estava immerso n'um poço de sangue, d'onde não podia sahir, foi diagnosticada uma plethora sanguinea, e a sangria deu bom resultado. Mas a um infeliz phthisico, que sonhou que nadava em sangue, applicaram, por inducção, o mesmo processo therapeutico, e o resultado foi a morte.

Estes e outros exemplos mostram como os antigos (e nem admira) se serviam do sonho d'uma maneira tão pouco racional. Mais admira que esta investigação da semiologia do sonho, principiada n'uma epocha tão remota, estivesse paralysada durante seculos, e que os medicos da idade-media desprezassem, n'este ponto, os conselhos de Hippocrate. Foi preciso chegar á idade moderna para que de novo se pensasse n'este assumpto.

Em 1806, Double apresenta considerações semioticas sobre os sonhos, que divide em quatro cathegorias:

a) sonhos dependentes da reacção do órgão pensante sobre si mesmo;

b) sonhos dependentes da acção das sensações exteriores;

c) sonhos dependentes d'associação de idéas;

d) sonhos dependentes da acção das sensações internas e das funções animaes.

São estes ultimos sonhos que Double considera como tendo valor semiotico. Divide além d'isso os signaes fornecidos pelos sonhos, em signaes diagnosticos e signaes prognosticos. De Double até hoje pouco de original se tem dito sobre este assumpto. Um trabalho relativamente moderno (1884) que versa esta materia, é o de Artigues, que, no seu *Ensaio sobre o valor semiologico do sonho*, depois de ter fallado da theoria do somno, declara que os sonhos pathologicos só podem ter logar no primeiro periodo do somno, ou periodo hypnagogico, e no ultimo, pouco antes do despertar, mas nunca no periodo do somno profundo.

Este auctor considera a imaginação como o microscopio amplificador da sensibilidade, e chama ao sonho morbido o delirio do homem adormecido. Mais recente, po-

rém, é o trabalho de Tissié, intitulado *Os Sonhos*, no qual consagra um capitulo importante aos sonhos pathologicos.

*

*

*

Feito este succinto bosquejo do sonho semiotico, vou expôr, sem mais preambulos, alguma cousa do que vi em diversos auctores, que, valha a verdade, pouco mais fazem que repetir-se. Seguirei muito de perto Tissié n'esta exposiçãõ, abrindo por uma série d'observações que mostram o valor symptomatico do sonho. Fallarei depois do sonho na hysteria e doenças mentaes, para dar em seguida um logar aos sonhos dos epilepticos, os melhor estudados até hoje.

*

*

*

As doenças principiam geralmente por um trabalho pathologico lento, por vezes inconsciente no estado de vigilia, mas que póde tornar-se muito sensivel no estado de somno e provocar sonhos, que têm relações mais ou menos sympathicas com o órgão lesado. Os sonhos morbidos devem por isso ter um grande valor semiotico, tanto sob o ponto de vista sympathico como symptomatico.

Seria este o capitulo a que eu daria maior desenvolvimento, por ser o que mais importancia deve merecer ao medico, se este estudo não estivesse, como está, ainda na sua infancia; é uma via nova a explorar.

As narrações que alguns individuos fizeram dos seus sonhos aos medicos, suscitaram no espirito d'estes a idéa de lançar mão do sonho como elemento de diagnostico. Eis alguns d'esses sonhos: Villeneuve

sonhou ter sido mordido n'uma perna por um cão: alguns dias depois appareceu-lhe uma ulcera cancerosa n'aquelle mesmo ponto.

Gesner sonhou que tinha sido mordido por uma serpente: passados dias, no sitio em que sentiu a dôr, appareceu-lhe um anthraz. Um individuo viu em sonhos os objectos como que atravez d'um nevoeiro: dias depois foi attingido d'amaurose. Um outro individuo, ainda, sonhou com scenas epilepticas e alguns dias depois teve uma crise de epilepsia, etc.

As lesões das grandes funcções provocam sonhos particulares; vejamos pois quaes os sonhos nas differentes funcções:

CIRCULAÇÃO.— Nas doenças do coração, diz Lassègue, particularmente nas lesões mitraes, o somno é perturbado pelo medo, anciedade, angustia não respiratoria e allucinações visuaes. Os sonhos devidos a uma affecção da circulação são em geral muito curtos, acompanhados de circumstancias tragicas, e particularmente da idéa de morte proxima.

Não citarei mais que uma observação a

este proposito, não obstante ellas abundarem:

Joanna C., 43 annos, jornaleira, entra para o hospital Cochín: Constituição robusta; teve um ataque de rheumatismo articular sub-agudo aos 30 annos. Durante dous annos ella sentiu dôres rheumatismaes, mas tão pouco intensas, que não a impediram de se entregar ao trabalho. Ha tres annos esta mulher começou a ter o seu somno perturbado por sonhos aterradores, cujo fundo era sempre o mesmo: ella chamava constantemente pela mãe em seu soccorro, via-se cercada de chammas, e accordava em sobresalto, presa do mais vivo terror. De resto a sua saude não se achava alterada; continuava sem fadiga o seu trabalho.

Durante todo este periodo, nunca ella sentiu o menor cansaço, a menor palpitação. Todavia os sonhos multiplicavam-se, e ella não tinha uma só noite perfeitamente calma.

A conselho de seu marido, inquieto com esta persistencia dos mesmos sonhos, a doente decidiu-se a consultar um medico, que, auscultando-a cuidadosamente, descobriu a existencia d'uma lesão cardiaca in-

ciente. Foi sómente um anno depois d'apparição d'estes pesadelos que esta doente, tendo um dia dado uma longa carreira para fugir a uma tempestade, chegou a casa com grande oppressão, e a partir d'esta data começaram a apparecer com uma grande nitidez os symptomas d'uma affecção cardíaca: insufficiencia mitral, ascite, edema dos membros inferiores, congestão pulmonar, dyspnêa, cyanose, perturbações oculares, pulso filiforme. Os sonhos nunca cessaram e são sempre os mesmos.

Os sonhos provocados pelas doenças do coração e dos grossos vasos são geralmente muito curtos e seguidos d'um despertar em sobresalto. Na observação precedente vê-se que o fundo do sonho é invariavelmente um sentimento de medo. É realmente esta a característica do sonho nas affecções do coração. A affecção cardíaca foi revelada pelo sonho antes de ter sido descoberta pela auscultação.

RESPIRAÇÃO. — As pessoas portadoras de uma affecção dos órgãos respiratorios têm em geral pesadelos de suffocação, d'esbafoimento, etc. É bem manifesta aqui a rela-

ção entre a função do órgão e a cerebração. Eis algumas observações :

Max Simon, cita o caso d'uma senhora que, gosando, d'uma boa saude, era todavia subjeita a frequentes bronchites. Ora esta senhora não era nunca attingida da sua afecção habitual sem fazer sonhos d'este genero :

Depois d'algumas horas de somno, via-se transportada para um sitio distante, longe de todo o soccorro. Invadia-a um sentimento de medo, pois sentia-se na imminencia d'um grandio perigo. De repente apparecia um cavalleiro de feroz aspecto, ao qual ella fugia, e por quem era perseguida insistentemente. Mas ella ia já a ser attingida, uma curta distancia medeiava entre ella e o seu perseguidor, quando acordava, mal podendo respirar.

Durante o somno, algumas mucosidades se accumulavam nos bronchios da doente, e uma difficuldade na respiração, causada por um obstaculo inteiramente physico, dava origem a representações de scenas capazes de produzir uma anciedade respiratoria identica.

G. J., 45 annos, portador d'emphysema

pulmonar, tem sempre o mesmo sonho: é perseguido por policias; quer fugir, mas não pôde; sente um grande peso no peito. Acorda então offegante.

DIGESTÃO.—Assim como os sonhos d'origem circulatoria têm por característica um sentimento de medo, assim como os d'origem respiratoria provocam a sensação de oppressão, os sonhos que têm relação com a digestão provocam imagens gostativas.

As creanças são muito sujeitas a pesadellos d'origem digestiva. N'ellas o apparelho digestivo é muito delicado e de uma grande sensibilidade. Na opinião de G. Sée, as causas dos terrores nocturnos nas creanças são antes devidas a uma bradypepsia intestinal do que gastrica; a digestão intestinal começa geralmente tres horas depois da refeição e dura umas cinco horas. O pesadello começa ahi pelas onze horas da noute e termina, mais ou menos, ás quatro da manhã: é a duração da digestão pancreatica.

Felix R. . . , de 8 annos, come, á noute, copiosamente. Deita-se ás 9 horas. Entre as 11,5 e meia noute, os paes d'esta creança

são despertados pelos pavorosos gritos que ella dá. Vão encontral-o sentado no leito, a fronte inundada em suor, a respiração offegante, gritando desesperadamente por soccorro. Procuram vãmente despertal-o. Tem os olhos desmesuradamente abertos, fixos em um ponto, insensíveis á luz. «Elles alli estão!» são as suas palavras. Até que emfim um grito, mais agudo que todos os outros, põe termo a esta scena de terror, e Felix cahe n'um somno profundo. No dia seguinte levantou-se á hora habitual. Não se recorda de nada, a principio, mas depois sempre consegue lembrar-se que a causa de todo o seu terror foi uma lucta que presenciou entre tres homens, que, depois de se terem batido entre si, se voltaram contra elle.

Uma outra creança, tendo comido uma grande quantidade d'uvas, foi attingida de violentos terrores acompanhados d'allucinações e de delirio. Chegado o medico, ministrou-lhe um vomitorio, e a creança vomitou uma grande porção de sementes e cascas de uvas, com o que ficou muito alliviada.

Se os terrores nocturnos são raros no homem, os sonhos d'origem digestiva são frequentes.

Sabe-se que a fome provoca sonhos sympathicos: o barão de Trenck, encerrado n'um calaboiço, onde passava grande fome, via em sonhos mezas muito bem servidas. Maury, tendo-se submettido a uma rigorosa dieta, assiste em sonho a um opiparo banquete. Uma senhora dyspeptica sonha que está n'uma pastellaria, onde vê grande quantidade de pessoas que comprem pasteis de diversas qualidades. Ella não tarda a imital-as e come grande porção de pasteis, fortemente aromatisados com flôr de laranjeira. Esta impressão gostativa, primeiro agradável, torna-se em breve extremamente penosa: acorda com uma sensação nauseosa das mais insupportaveis.

A..., sonha uma noute que vomitou, em seguida a um repasto bastante copioso. No dia seguinte, ao almoço, recusa-se a tomar qualquer alimento. Foi isto o inicio de um accesso de sitiophobia que durou 4 mezes, e que deixou após si uma anorexia nervosa permanente acompanhada de vesania.

Deveremos admittir, n'este caso, que o

sonho provocou uma desordem organica? Não: antes consideramos o sonho como symptomatico e revelador d'uma affecção latente.

Um doente sonha que come serpentes. No dia seguinte acorda com violentas dôres d'estomago. Pouco depois vê-se que é portador d'um cancro do pyloro.

Pelos exemplos que acabamos de citar vê-se que os sonhos provocados pelo apparelho digestivo dão lugar a imagens gostativas. Mas, quando as affecções são profundas e dolorosas, então os sonhos acompanham-se d'uma impressão de peso e d'angustia, algumas vezes muito violenta.

Os sonhos, diz Double, em que ha o desejo de comer ou de beber, não traduzem, geralmente, senão fome ou sede, e são de um bom prognostico na convalescença das doenças, porém d'um augurio menos favoravel se se apresentam desde o principio da doença.

Isto mesmo tinha já pensado Hippocrate, que disse:

«Per somnum vero si quis solitos cibos aut

potusedere aut libere videatur, alimenti inopiam animique mœrorum significat».

INNERVAÇÃO. — Galeno cita o caso d'um individuo, que, tendo sonhado que uma sua perna era de pedra, foi acommettido pouco tempo depois d'uma paralysia do mesmo lado. Mas eis uma observação muito mais recente, referida por Faure nos *Archivos Generales de Medicina*:

M. A..., banqueiro hespanhol, muito intelligente e sensato, tem todas as noutes, já ha bastante tempo, sonhos agradabilissimos. Communica isto a um irmão B..., e dá-se por muito satisfeito com esta sua boa disposição, que o faz realisar durante o somno as suas aspirações do estado de vigilia.

M. A..., sonha que faz larguissimos interesses. Estes sonhos continuam incessantemente, e, entretanto, os negocios da casa vão prosperando d'uma maneira notavel, com grande regosijo dos dous banqueiros. M. A..., até aqui tem-se mostrado o homem prudente e experto de sempre; mas um dia chega em que começa a manifestar uma ousadia insolita nas suas operações

bancarias. Torna-se manifesto que nos seus negocios do dia andam as concepções grandiosas da noute.

B..., quer moderar-o, mas não é attendido. Em vista d'isto trata de internal-o n'uma casa de saúde, onde, a breve trecho, attinge o grau mais elevado da paralyisia geral.

A proposito da meningite tuberculosa, diz Damaschino que, em seu periodo prodromico, as allucinações, principalmente as da vista, são um dos principaes symptomas. Mais affirma este auctor que este symptoma lhe pareceu essencialmente nocturno.

A certa hora da noute, as creanças portadoras de meningite tuberculosa começam de gritar, tomadas de grande terror, julgando vêr objectos terriveis.

Ladreit de la Charrière observou um caso de tuberculo cerebral n'uma creança que estava quasi surda. Este clinico diagnosticou uma surdez cerebral, tendo sido ajudado no seu diagnostico pela constatação dos terrores nocturnos n'esta creança. Effectivamente esta creança morreu tres mezes depois de ter sido feito tal diagnostico, e, procedendo-se á autopsia, foram encontrados tuberculos cerebraes.

HYSTERIA. — Na hysteria, os sonhos são fatigantes e podem ter grande influencia no estado da vigila. Escande de Messière diz que o verdadeiro character do sonho hystérico é a sua persistencia depois do somno e a perda frequente da sua lembrança.

N'estes sonhos ha com muita frequencia o desdobramento da personalidade. Eis uma observação :

Uma rapariga de quatorze annos, na qual se tinha observado um crescimento muito rapido e a suspensão das regras, sonha uma noute que é perseguida por uns homens que querem matal-a. Faz grandes esforços para escapar-lhes, e consegue-o; mas, quando acordou, estava extremamente fatigada. O sonho repete-se durante muitas noutes, persiste mesmo durante a vigilia, e cada vez a fadiga é maior. Um dia, tal era já o seu estado de fraqueza, que, ao fazer um pequeno esforço para subir uma escada, cahiu sobre si e sentiu-se impotente para se levantar: estava paraplegica. Para Féré, que é quem refere esta observação, esta paralysisia proviria não d'uma auto-sugestão, mas d'um esgotamento dos centros

motores, resultante d'uma successão rapida de descargas de volição, não seguidas de movimentos effectivos. Todos teem sentido a fadiga muscular que succede aos sonhos de movimentos.

V... recebe uma pancada na cabeça; perde os sentidos por espaço de dez minutos. Oito dias depois opera-se uma mudança no seu character: prostração, attitude triste, incapacidade para o trabalho, insomnia, sonhos aterradores. «Eu vejo, diz elle, quasi todas as noutes, uma mão que me aperta a garganta e me estrangula; então eu accor-do cheio de susto e não posso mais dormir.

Outras vezes sonho que estou perto de um precipicio, onde caio sempre do lado esquerdo; n'outro tempo, antes do meu accidente, eu nunca sonhava».

Este doente é um hystérico.

Eis uma observação do professor Pitres, em que o sonho é ao mesmo tempo d'origem sympathica e symptomatica. Trata-se d'um doente hystérico, F... Oswaldo, de 42 annos. Antes de ser attingido de paresia, tinha tido sonhos tacteis, nos quaes

se imaginava voando. Não tornou a sonhar desde que está doente.

Mas eis o sonho que coincidiu com o seu estado paretico:

«Eu estava só, diz elle, na floresta de Arcachon. Em um momento dado eu vi pés com pernas nuas, que passeavam magestosamente; eu distingi sobretudo um par de pernas doentes que iam coxeando pelo caminho em fóra... Que grande achado! exclamei eu, estas ninguem as reclamará... Dae-me a melhor e collocae-a no lugar da minha, disse eu, o que immediatamente foi feito».

Em seguida a este sonho, deu entrada no hospital de Santo André, em Bordeaux, onde continúa na crença de possuir uma das pernas claudicantes que viu na floresta.

Esta observação mostra bem a influencia que o sonho póde ter nos hystericos.

DOENÇAS MENTAES. — Ha muito se tem notado as relações entre os sonhos e as doenças mentaes.

Os lypemaniacos, diz Macario, téem

sonhos tristes e oppressivos, e os monomaniacos expansivos téem sonhos alegres.

Esta relação, como se vê, é de coexistencia.

Mas tem-se observado tambem uma relação de pre-existencia.

Faure põe em relevo esta ultima relação, n'uma série d'observações de que eis algumas:

1.^a Uma mulher ouve tres noites seguidas uma voz que lhe diz: «*Mata tua filha*». Esta mulher commette um filicidio.

2.^a Uma mulher sonha que seu marido se quer separar d'ella, e isso sem razão. Tem a consciencia de que isto é um sonho, e todavia tenta suicidar-se por varias vezes.

3.^a X..., ficou persuadido, em seguida a um sonho, que perdeu a sua fortuna.

4.^a W..., julga ter de se bater em duello, em seguida a uma disputa passada em sonhos.

5.^a Um carregão sonhou que foi espancado. Conta a todos as scenas de violencia de que foi victima, e mostra as suas feridas imaginarias. Quer-se vingar.

6.^a Um individuo quer desthronar ou matar o rei, porque este pretende a esma-

gal-o com a sua carruagem. A origem d'isto foi um sonho. É em vão que os doutores Manoury e Greston lhe demonstram que isso não podia ter acontecido, porque elle não estava em Pariz no momento em que refere este encontro com o rei.

7.^a Uma senhora vê em sonhos que sua mãe tenta matá-la. No dia seguinte declara-se n'ella a alienação mental.

Ora bem parece, e assim o pensa Faure, que o sonho em cada uma d'estas observações, não gosa d'um papel etiologico, para desempenhar antes um papel symptomatico d'um estado preexistente.

Estes phenomenos da persistencia do sonho depois do somno, difficil em muitos casos de distinguir das allucinações, têm, como estas, uma alta significação pathologica.

Se em alguns casos, aliás raros, este phenomeno se declara, para depois desaparecer por completo, na maioria dos casos esta persistencia dos sonhos durante a vigilia é o prodromo de doenças incuraveis; como a mania ou a paralysisia.

Mas se o sonho póde ser assim o ponto de partida d'uma manifestação intellectual

anormal, com certeza que elle não passa d'uma causa secundaria e que a predisposição para o delirio era preexistente.

Diz-se que o somnambulismo espontaneo é um signal de pathologia nervosa.

Segundo Chaslin, um sonho que se repete todas as noites é já um sonho prognostico.

O sonho póde algumas vezes não ter relação com o delirio, mas quasi sempre a tem.

Eis algumas observações que cita este ultimo auctor:

1.^a Um pintor, depois de ter perdido sua mulher, sonha todas as noites que desenterra o cadaver para o comer.

2.^a N'uma loucura circular, a doente antes do periodo de depressão sonha com a morte do pae, e differentes cousas allegres antes do periodo d'excitação.

3.^a Uma mulher torna-se anorexica depois d'um sonho em que julga ter vomitado, em seguida a uma refeição abundante. (Obs. já citada na 1.^a parte d'este trabalho).

EPILEPSIA. — Se não ha um grande numero de trabalhos sobre este assumpto, to-

davia os resultados parecem ser bastante nitidos e precisos.

Féré falla-nos nos sonhos d'accessos dos epilepticos: são sonhos em que o doente se sente como que o theatro d'uma crise epileptica que realmente não teve lugar.

Ora isto constitue um symptoma precursor d'accessos epilepticos proximos.

Mais recentemente, Ducosté falla-nos dos sonhos de ataque. Estes sonhos seriam contemporaneos do ataque, e não teriam lugar n'outra occasião. Esta opinião é um tanto duvidosa, pois não está demonstrada.

Eis algumas observações que cita Ducosté:

1.^a J... está immovel no mar frio, onde está immersa até á altura dos seios. Experimenta uma angustia indizivel. N'este momento chega um polvo enorme que a enlaça. Ella sente o frio viscoso de seus tentaculos que lhe deslisam sobre o peito; o polvo suga-lhe o sangue; muitas lagostas a cercam e uma d'ellas fura-lhe o craneo; o mar está vermelho do seu sangue, e, muito fraca, ella morre.

2.^a Maria, 35 annos. Antes da sua primeira crise epileptica teve algumas vezes .

este sonho:—E ao entardecer; os ultimos raios do sol, que se esconde, illuminam de vermelho a paisagem e o ceu. Ella está de pé n'um campo de trevo. Um touro monstruoso corre vertiginosamente para ella e vem feril-a no peito. É derrubada, mas consegue apanhar o animal pelas partes sexuaes, que lhe arranca. O touro, banhado em sangue, investe furioso contra ella e arrebatá-lhe a cabeça com as pontas.

3.^a Paulo, 42 annos. Apresenta-se-lhe uma visão, com ancas de cavallo, uma cabeça de sereia, peito de mulher, e os cabellos formados de serpentes entrelaçadas. Esta apparição approxima-se; e, antes de a vêr, P... sente-a por um cheiro a excrementos. Este monstro tem no lugar dos órgãos sexuaes um sacarollhas que crava no peito do desgraçado, que faz assim cahir, e depois esmaga-o. P... fica um momento impassivel, apesar dos seus soffrimentos, depois segura de repente o monstro pelas mamas, que elle torce com todas as suas forças. As serpentes desenrolam-se então, furam-lhe o craneo, devoram-lhe o cerebello e elle morre.

Em todos estes sonhos ha uns certos caracteres communs :

Em primeiro logar a côr vermelha : no sonho de J. . . ha as lagostas, e agua avermelhada com o seu sangue ; no sonho de Maria é o sol que avermelha o ceu, e o touro escorrendo em sangue.

Em segundo logar as mesmas partes do corpo apparecendo em todos estes sonhos : o craneo, as partes sexuaes, o peito.

O craneo, em geral, é o ultimo acto do drama. Em summa, as scenas que se desenrolam nos sonhos dos epilepticos, a sua ordem, a sua terminação, são bem analogas ás que têm logar n'um ataque d'epilepsia.

Não serão estes sonhos verdadeiros ataques epilepticos passados durante o somno ?

*

*

*

Quando, no principio d'esta segunda parte do meu trabalho, eu apresento o programma que tenciono executar, deixo talvez transparecer a idéa de dar um certo desenvolvimento ao estudo dos sonhos nos epilepticos.

Era realmente esse o meu intento, e julguei que poderia fazel-o, por saber que existiam sobre este assumpto alguns trabalhos de real valor.

Infelizmente, porém, a falta irremediavel do á-mão d'esses trabalhos, inhi-be-me de realisar esse meu intento, e obriga-me a pôr termo aqui á minha despretenciosa obra, para a qual já pedi a benevolencia do meu illustradissimo jury, e para a qual peço tambem agora a benevolencia de qual-quer leitor.



PROPOSIÇÕES

Anatomia

A cavidade prostatica é um vestigio do utero.

Physiologia

A pelle é um cerebro peripherico.

Materia medica

Appliquemos ao lupus a phototherapie.

Anatomia pathologica

A hypertrophia do coração reconhece como causa a hyperplasia conjunctiva.

Pathologia geral

A leucocytose é uma manifestação d'affinidade chimica.

Pathologia medica

As lesões do coração esquerdo contrariam a evolução da tuberculose pulmonar.

Pathologia cirurgica

Não ha como o cystoscopio para diagnosticar entre uma cystite do collo e uma cystite do corpo.

Medicina operatoria

Acho preferivel a tenotomia a ceu aberto ao processo sub-cutaneo.

Partos

As mulheres de bacias spondylolisthesicas não deveriam casar.

Hygiene

Os ventiladores electricos não constituem um ideal de ventilação.

Medicina legal

A presença de corpos estranhos nas ramificações bronchicas de pequeno calibre, é signal de morte por submersão.

VISTO

O Presidente

Alberto d'Aguiar

PODE IMPRIMIR-SE

O Director

Moraes, Caldas